

NOTAS SOBRE O AMAR ENQUANTO FERRAMENTA POTENTE NA PESQUISA-INTERVENÇÃO EM PESQUISAS FEITAS POR PESSOAS NEGRAS SOBRE/PARA PESSOAS NEGRAS.

Irapoan Nogueira Filho Alford¹

Resumo

O presente artigo propõe a incorporação do conceito de "Biologia do Amar", de Humberto Maturana, como componente metodológico da pesquisa-intervenção realizada por pessoas negras e voltadas para populações negras. A partir de uma trajetória de 18 anos em pesquisa-intervenção no campo da Psicologia Social, é articulado aspectos da Psicologia Preta, das Políticas de Cognição e da Biologia do Amar para refletir sobre as implicações políticas, epistêmicas e afetivas da produção de conhecimento negro. A pesquisa-intervenção, ao romper com modelos tradicionais e hegemônicos, propõe uma prática transformadora e coletiva, em que pesquisador e campo são coparticipantes. Como resultado, observamos que a cognição da população negra, forjada em contextos de desigualdade, é atravessada por experiências de racismo, o que torna necessário adotar políticas de cognição que considerem a interação entre sujeito e meio. Nesse contexto, as contribuições de Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza são fundamentais para a compreensão da subjetividade negra no Brasil e da necessidade de produção de discursos próprios sobre si.

Palavras-chave: Pesquisa-intervenção; Afetividade; Epistemologias negras.

Abstract

This article proposes the incorporation of Humberto Maturana's concept of the "Biology of Love" as a methodological component in research-intervention conducted by Black people and aimed at Black populations. Drawing from an 18-year trajectory in research-intervention within the field of Social Psychology, the text articulates elements of Black Psychology, Cognitive Policies, and the Biology

¹ Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

of Love to reflect on the political, epistemic, and affective implications of Black knowledge production. Research-intervention, by breaking with traditional and hegemonic models, offers a transformative and collective practice in which both the researcher and the research field are co-participants. As a result, it is observed that the cognition of the Black population, shaped in contexts of inequality, is permeated by experiences of racism. This demands the adoption of cognitive policies that consider the interaction between subject and environment. In this context, the contributions of Virgínia Leone Bicudo and Neusa Santos Souza are fundamental to understanding Black subjectivity in Brazil and the need for Black individuals to produce their own discourses about themselves.

Keywords: Research-intervention; Affectivity; Black epistemologies.

Resumem

Este artículo propone la incorporación del concepto de "Biología del Amar" de Humberto Maturana como componente metodológico en la investigación-intervención realizada por personas negras y dirigida a poblaciones negras. A partir de una trayectoria de 18 años en investigación-intervención en el campo de la Psicología Social, se articulan elementos de la Psicología Negra, las Políticas de Cognición y la Biología del Amar para reflexionar sobre las implicaciones políticas, epistémicas y afectivas de la producción de conocimiento negro. La investigación-intervención, al romper con modelos tradicionales y hegemónicos, propone una práctica transformadora y colectiva, en la que el investigador y el campo de estudio son coparticipantes. Como resultado, se observa que la cognición de la población negra, forjada en contextos de desigualdad, está atravesada por experiencias de racismo, lo que hace necesario adoptar políticas de cognición que consideren la interacción entre sujeto y entorno. En este contexto, las contribuciones de Virgínia Leone Bicudo y Neusa Santos Souza son fundamentales para comprender la subjetividad negra en Brasil y la necesidad de producir discursos propios sobre sí mismos.

Palabras clave: Investigación-intervención; Afectividad; Epistemologías negras.

O presente artigo é uma reflexão teórica, apresentando uma proposta de utilização da Biologia do Amar como componente metodológico da pesquisa-intervenção, quando feita por pessoas pretas sobre/para pessoas pretas. Para execução desta proposta, o artigo apresenta o modelo de pesquisa-intervenção, realizando em seguida uma articulação deste modelo com materiais de Políticas de Cognição, de Psicologia Preta, e da Biologia do Amar. Conclui com algumas implicações dessa articulação proposta.

O presente artigo é construído no rastro de pesquisas feitas ao longo de 18 anos, partindo da estratégia de pesquisa-intervenção, dentro do campo da Psicologia Social. Todavia, a proposição aqui apresentada -ainda que atravessada pela Psicologia em sua formulação- é de natureza epistemológica, metodológica... e política. E é uma reflexão feita por um negro, e com uma escrita direcionada às pessoas negras que se dedicam a pesquisas com humanos.

Pretende-se aqui apresentar reflexões sobre pesquisa-intervenção, quando feita por pessoas negras, tendo população negra enquanto sujeito de pesquisa. A partir de reflexões dentro da Psicologia da Cognição, pretende-se apontar a existência de um componente afetivo da atividade de pesquisa que tenho observado e utilizado na composição de uma perspectiva dentro do campo da pesquisa-intervenção. Desta maneira, colaboro com o esforço coletivo de construção de uma métodos de pesquisa afrocentrados.

A escolha da abordagem de pesquisa-intervenção é muito relevante na contemporaneidade. Um estudo de 2020 feito pela Liga de Ciência Preta Brasileira mostra que, dentre os alunos de pós-graduação, apenas 2,7% são pretos, 12,7% são pardos, 2% são amarelos, menos de 0,5% é indígena e 82,7% são brancos (Hanzen, 2021). Em contraste a isso, 40% dos mortos por covid-19 no Brasil são negros (Goes, Gomes, Ferreira, 2020), bem como somos a maioria étnica entre desempregados e desalentados (Saboia, 2019). Frente a uma desigualdade tão acentuada, faz-se interessante uma perspectiva que seja não apenas um neutro "olho que vê"... e sim que também colabore com a produção de mundos negros possíveis. Que colabore com a emergência de um outro Brasil, que nos menos mortífero.

Assim sendo, pretende-se inicialmente realizar uma apresentação da pesquisa-intervenção enquanto perspectiva de produção de conhecimento. Para,

após, apresentar a problemática do conhecer a partir da perspectiva de uma Psicologia da Cognição -especificamente, aqui, estudos de Políticas de Cognição-, relacionando a mesma com a temática de uma Psicologia da Negritude. Esta relação será necessária para, em seguida, apresentar estudos da Biologia do Amar, de Humberto Maturana.

Articulando estas quatro temáticas – Pesquisa-Intervenção, Cognição, Raça e Afetividade – pode-se configurar a descoberta de que a atividade de pesquisar população negra, quando exercida por uma pessoa negra, para além de meramente envolver a cognição, mobiliza a mesma em conjunto com a Afetividade da pessoa pesquisadora. Isto traz consequências ainda mais importantes para o pensamento em pesquisa – e sobretudo em pesquisa-intervenção. Apresentando essas consequências, conclui-se o artigo apresentando o paradigma em pesquisa que tem sido construído pelo autor.

1.A pesquisa-intervenção: a construção de outro meio de fazer pesquisa.

A proposta de pesquisa-intervenção propõe uma ruptura com os moldes hegemônicos de pesquisa, indo para além das pesquisas participativas. Compreende a produção de conhecimento enquanto atuação transformadora da realidade sociopolítica do campo investigado -que é concebido enquanto coprotagonista de sua execução:

O que se coloca em questão é a construção de uma “atitude de pesquisa” que irá radicalizar a idéia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (Rocha e Aguiar, 2003, p. 67).

Ela surge no final da década de 1970, em um movimento de ruptura junto às pesquisas tradicionais, incluindo análise e questionamento às divisões sociais, à dicotomização entre ciência e política, bem como à consequente inviabilização de uma participação efetiva de grupos minoritários nos rumos da sociedade. Propõe uma visão de pesquisador enquanto um intelectual orgânico, e leva em consideração a possibilidade do ato de produção de conhecimento se constituir enquanto potencializador na organização de espaços de participação coletiva.

Política e educação, política e organização de comunidades constituem-se em relações possíveis para transformar a realidade.

Concebendo uma relação de imanência no processo de conhecimento, a pesquisa intervenção reconhece a não-neutralidade dentro dos estudos junto a seres humanos. E isto porque, quando falamos de humanos, falamos de seres que estão dentro de um cenário social, político e econômico de produção de diferenças e de desigualdades – e de dominação. A própria entrada do pesquisador no campo é, em si, um ato micropolítico, uma vez que já modifica o próprio campo em sua entrada.

Uma vez reconhecido isso, faz-se necessário não apenas estudar o campo, mas fazer uma análise de implicação do pesquisador. Como eu observo os humanos que pretendo estudar? A serviço de quê está minha pesquisa? Que tipo de mundo ela colabora para criar junto à população pesquisada? Qual o impacto que a pesquisa e suas produções terão para a população pesquisada? Esta análise da implicação é necessária para a compreensão dos limites, dos possíveis, dos impactos da produção do conhecimento.

Desta maneira, para além de meramente se constituir enquanto uma ação sobre determinado grupo, intenta-se desarranjar os discursos e as práticas instituídos -inclusive os lidos como científicos ou tecnológicos. Em vez de “conhecer para transformar”, propõe-se “transformar para conhecer”. Estabelecendo portanto, uma concepção de processo produção de conhecimento transformador de ambos pesquisador e campo. Reconhecendo essa não-neutralidade e tomando conscientemente uma posição. O agir científico torna-se, então, político. E, ao mesmo tempo, estético, pois colabora com a formação de um certo tipo de mundo, junto à população pesquisada.

Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. É um modo de intervenção, na medida em que recorta o cotidiano em suas tarefas, em sua funcionalidade, em sua pragmática - variáveis imprescindíveis à manutenção do campo de trabalho que se configura como eficiente e produtivo no paradigma do mundo moderno (Aguiar e Rocha, 1997, p.97).

Quando se pensa o pesquisar de pessoas negras sobre população negra, estamos falando de um pesquisar em situações desiguais. Faz-se necessário termos um cuidado para não reproduzir armadilhas acadêmicas que a branquitude nos coloca. A serviço de quê está o conhecimento que produz? Como eu, agente de pesquisa, colaboro com nossa população, enquanto pessoa que faz parte do percentual ainda pequeno de cientistas entre a população negra?

Desnaturaliza-se, assim, as falsas dicotomias entre teoria e prática, e entre criação e aplicação de conhecimentos. A própria relação entre sujeito e objeto/campo de pesquisa deve ser sempre colocada em análise. Ao perceber ativamente e de forma não-naturalizada essas tensões e contrastes, aliando à análise da própria relação do ato de pesquisar, abre margem à possibilidades de mudanças, tanto na pesquisa quanto no campo. Pois uma escuta do campo como agente ativo abre a possibilidade de emergência de diferentes fenômenos e aspectos dos mesmos que não haviam sido percebidos pelo pesquisador, durante a montagem de seu projeto.

Tal postura epistêmico-metodológica convoca uma outra maneira de pensar o próprio processo de conhecer. Está-se falando, aqui, do pesquisar enquanto movimento inventivo, um movimento complexo de produção ao mesmo tempo de sujeito pesquisador e de população pesquisada.

2. Políticas de Cognição, e seus impactos na cognição negra.

Faz-se necessário, portanto, falar cognição e de suas políticas. A cognição é compreendida enquanto o conjunto de funções mentais realizadas pelo cérebro, em sua relação com o meio. A descrição do fenômeno é essa, mas se complexifica quando pensamos o modelo para estudar a própria Cognição. A Política de Cognição abrange, portanto, um conjunto de posturas em relação ao mundo e a si mesmo, bem como ao conhecimento e ao processo de conhecer - ocasionando, portanto, práticas que têm efeito concreto no cotidiano (Kastrup, 1999, Nogueira Filho, 2019).

O modelo hegemônico -e, portanto, colocado em jogo pela branquitude- compreende a *cognição enquanto representação do mundo*. A cognição seria um ato transcendente, linear, separado do mundo. O ato de conhecer do humano é

então estudado a partir do referencial de conhecimento das máquinas -mas as máquinas e tecnologias produzidas a partir de uma cultura cujos membros dominantes são majoritariamente brancos, sob uma perspectiva eurocêntrica. Haveria, nesse recorte epistemológico, a pressuposição de um mundo já dado, cognoscível, a ser aprendido por um sujeito cognoscente. Existe o mundo dado, e o pensamento. E esse pensamento, tido como universal, é o pensamento branco, masculino, heterossexual, cisgênero, habitante do asfalto... Aquele constituído como Norma.

E esse recorte epistemo gera consequências graves, quando transformado em técnicas que versam sobre esse esmo pensamento: programas e currículos escolares pensados a partir de uma perspectiva branca e de asfalto; leituras racistas sobre pacientes da raça negra (pessoas negras lidas como “mais resistentes à dor”, por exemplo); leituras racistas em processos seletivos (porque pessoas negras serão lidas como menos competentes)... e leituras racistas até mesmo em relacionamentos afetivos (aquele discurso de pessoas negras para sexo, pessoas brancas pra casar).

Desta maneira, cabe não apenas a nós fazermos ciência sobre nós, se o fizermos utilizando um olhar epistemológico-metodológico branco. É necessário estar atento a outro modo de pensar que não o da reconhecimento.

Há, em contrapartida ao supracitado, uma outra maneira de conceber a cognição. Este outro caminho é percorrido quando se abandona o paradigma da transcendência em prol do paradigma da imanência. A cognição seria concebida então como *conjunto de funções mentais produzidas na interação entre sujeito e meio*. É no *relacionar-se com* o outro -e com o meio socio-econômico-cultural- que são produzidos modos de perceber(-se), pensar(-se), lembrar(-se), descrever(-se). É nesta interação que são produzidos tanto o mundo cognoscível quanto o sujeito cognoscente.

Esta política de cognição está em jogo quando você aprende a dançar com alguém, quando você aprende a andar de bicicleta, a cozinhar “de olho”, cuidar dos filhos ou dos irmãos mais novos...

Este “relacionar-se com” o meio/outro é dado em um meio que é social, economicamente e culturalmente desigual. E é dentro desse meio desigual que a cognição é engendrada. E, quando abordamos populações minoritárias, a

cognição segue e avança, apesar de tudo. E assim surge periferias e periféricos, Brasil racista e população negra. É neste engendrar que se criam formas de perceber o racismo, de perceber quando está sendo alvo de um segurança... modos de (não) se perceber, de (não) sonhar, de (não) se imaginar. A cognição de uma pessoa negra criada no Brasil é uma cognição marcada com a experiência do racismo.

3. Falando da relação entre a psicologia e a população negra.

A história dessa relação tem como pioneiras duas mulheres negras: Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza. A realização desta escolha teórica se dá de maneira política, em virtude de terem sido as duas figuras mais importantes da história entre Psicologia, raça e racismo no Brasil. E, ainda assim, permanecem sendo preteridas, em prol de autores masculinos e estrangeiros.

Virgínia, mulher negra e cientista, fundou a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), bem como a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) em São Paulo e Brasília, além de ser a primeira cientista a defender pesquisa sobre relações raciais no Brasil e participante do projeto da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) que financiou estudos sobre as formas do racismo no Brasil (Damasceno, 2013) – Neusa fala especificamente do campo médico e clínico psicanalítico. (Oliveira, 2010, p.57).

Em sua dissertação de mestrado, onde investigou as atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo (Bicudo et al, 2010) ela consegue destacar bem a existência de um racismo no Brasil que atravessa a experiência de classes sociais. Falar de racismo não seria apenas uma pauta identitária. Atravessa toda a existência do sujeito... a ponto de Bicudo perceber, em seu estudo a busca de pretos de classe média por se pessoas de aparência mais clara.

Bicudo realiza entrevistas em São Paulo, com “pretos e mulatos” de classes populares e médias. Cabe ressaltar, antes de prosseguir com o texto, que este estudo é de Bicudo é de 1945 -em uma época antes de haver a crítica ao termo “mulato”. Ela descobre entre as pessoas negras de classes mais populares um forte sentimento de inferioridade, estabelecendo relações “harmoniosas” com os brancos. Ora, é justamente a produção desse sentimento de inferioridade que

torna possível a emergência de relações de dominação racial com características “harmoniosas”. É necessário apontar ainda que em seu estudo ela já apontava a importância do Movimento Negro enquanto ator coletivo para promover mudanças.

Indo em direção similar, Neusa Santos Souza entrevista 10 pessoas negras em ascensão social. Eram os anos de 1980, e indo a partir das pessoas pretas que lhe antecederam, ela já anuncia a não-neutralidade de sua obra:

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.

Este livro representa meu anseio e tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade. (Souza, 2021, p.28)

O ponto de partida para sua análise é a de que houve, durante o Brasil do período de escravatura legal, uma estratificação social que correspondia a uma situação concreta: a população negra de fato ocupava a margem inferior da sociedade. Ainda segundo a autora nesta mesma obra, após o término desse período, houve uma substituição por novos modos de dominação. A relação de exploração, dominação e depredação social marcada pela raça se mantém, mas moderniza-se (e se mantém até hoje): um aparato sociocultural, inerente à própria constituição do Brasil enquanto nação, de atribuições de qualidades negativas aos negros, elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social da população negra o mais próximo possível daquele da ordem escravagista.

Por conseguinte, buscar melhores condições de vida ganha sentido em expressões de “ser exceção”, “não ser como todo mundo”, entre a população negra. E quanto mais se sobe socialmente, menos pessoas negras você encontra. À pessoa negra é podada mais e mais de acesso aos modos de viver e de existir que lhe são culturais. Mas a autora ainda apresenta um outro mecanismo mais nefasto que se impõe, por meio dos componentes racistas de nossa cultura, na subjetividade negra.

Ela aponta a existência de um mito, que ela encontrou nas entrevistas, expondo trechos das mesmas. No Brasil, a excelência, a beleza, à competência e

a inteligência são lidos como brancos. À pessoa negra, caberia o papel de subalterno, coadjuvante, submisso, auxiliar e incapaz. Ela encontra em suas entrevistas relatos de inseguranças, e dos esforços em provar-se para si e para os outros:

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o "defeito", para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias de vida.

Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível. (Souza, 2021, p. 50)

Nas entrevistas das pessoas com maior poder aquisitivo ela encontra a busca pela aquisição de valores e símbolos do estrato branco/dominante, e uma busca da "boa aparência" ideal. E esta busca seria contínua, segundo a autora, pela falta de referenciais negros.

É aí que as duas obras apresentam uma possibilidade de articulação interessante: pois no Movimento Negro já era apontado por Virgínia Bicudo como uma linha potente. E, dentro de tal paradigma, a entrada de uma pessoa negra cientista em um campo também negro adquire um efeito político, além de meramente técnico, enquanto houver esse quadro socioeconômico-cultural. A *Biologia do Amar*, proposta por Humberto Maturana, tem sido utilizada pelo autor dentro de pesquisas-intervenções. Ela é apresentada a seguir.

4. A Biologia do Amar

Tenho utilizado a *Biologia do Amar* em trabalhos anteriores (Nogueira Filho, 2012). Nesta proposta, Humberto Maturana aponta com o conceito de Amar, que um tipo específico de emoção foi o fundamento do humano. Para este neurobiólogo chileno, a vida é vivida em um fluxo emocional, fluxo este "(...) que constitui, a cada instante, o cenário básico a partir do qual surgem nossas ações" (Maturana & Verden-Zöllner, 2004, p.29). Assim, são nossas emoções que determinam, a cada momento, o que se faz ou se deixa de fazer. Isto porque, ainda segundo o autor, a cognição apoia-se sobre fundamentos emocionais.

As emoções preexistiam à linguagem. Elas são definidas como “distintas disposições corporais dinâmicas que especificam, a cada instante, que espécie de ação é um determinado movimento ou uma certa conduta” (p.32). As emoções, ainda segundo Maturana, designam os domínios de agires possíveis - ou seja, os domínios em que agimos e/ou podemos a.

Anteriormente foi dito que todo agir tem como fundamento uma emoção. Assim, para compreender o que acontece em qualquer conversação, faz-se necessário identificar a emoção que especifica o domínio de agires sob o qual ocorre esse mesmo conversar. Ou seja, para entender o que ocorre em uma conversação, é necessário observar o relacionar entre o linguajar e o emocionar ali presentes.

E esta observação deve ser feita tendo em mente que sempre há uma conversação em acontecimento, bem como um emocionar preexistente. E também deve-se ter em mente que, *durante a conversação, esta vai poder alterar o fluxo do emocionar, e vice-versa* (Maturana, 2005).

Disso cabe uma importante consequência: *as conversações recorrentes estabilizam o emocionar que elas implicam*. Ao mesmo tempo, mudanças nas circunstâncias da vida que venham a modificar o conversar têm como consequências alterações no fluir do emocionar.

Segundo Maturana, o homem se constituiu enquanto espécie através da conservação transgeracional de um viver no *amar*. Ele define por *amar*: a existência na consideração do outro enquanto legítimo outro em coexistência com alguém (Maturana, 2005).

Maturana aponta que o amar é a condição necessária para a existência do que ele denomina *relação social*. Uma relação é social quando o outro não é instrumentalizado, mas tomado como legítimo outro. É a relação social que torna possível a linguagem. Ele aponta: “(...) *se há na história dos seres vivos algo que não pode surgir na competição, isso é a linguagem*” (Maturana & Verden-Zöllner, p.24, grifos do autor). É necessário o amar para que o outro entre no domínio cognitivo do sujeito, possibilitando assim a linguagem.

Assim, o amar seria o fundamento da relação social, mas nem toda relação com o outro é social, para Maturana: há também relações onde o outro é

instrumentalizado ou um competidor. Nessas, não há a aceitação do outro enquanto legítimo outro em coexistência com alguém.

E é justamente esse modo de relacionar que a cultura racista priva as pessoas negras, desumanizando-as, objetivando-as, colocando-nos fora do lugar de sujeito, conforme apontaram as supracitadas Virgínia Bicudo e Neuza Santos Souza. Isto posto, quando pontuado anteriormente sobre a análise de implicação, faz-se necessário o cuidado para a ação de pesquisa não possuir caráter danoso, frente a população pesquisada. Pensar esse amar -estar com o outro enquanto legítimo outro em coexistência com alguém- em situação de pesquisa

Considerações finais: sobre amar e produzir conhecimento

A pessoa cientista é, a princípio, apaixonada por seu campo de pesquisa. Para nós, que pesquisamos seres humanos, esta paixão nos implica: ou nossa pesquisa compactua com os modos de dominação e de mortificação presentes, ou colabora com a invenção de novos mundos. É esta última que foi apresentada e incentivada aqui. Em pesquisas com humanos, todo fazer técnico é ao mesmo tempo político e estético. É político, no sentido de que está tendo um impacto em algum grau na vida das pessoas estudadas. É estético no sentido que colabora com a execução de um certo projeto de mundo que subjaz a esse mesmo projeto.

Ser uma pessoa negra que pesquisa pessoas negras é, portanto, estar em uma condição de privilégio, independentemente das facilidades ou dificuldades para "termos chegado até onde chegamos". Neste texto vos convoquei para pensar e refletir sobre vossas próprias análises, por meio de um percurso pela Psicologia da Cognição, passando por estudos em Psicologia Negra, chegando até a Biologia do Amar. Mostrando assim que esses discursos, práticas e culturas racistas no Brasil não apenas nos podaram de nossa genealogia, arrancaram nossos ancestrais de nossas terras, e escravizaram os mesmos... Estes mesmos discursos, práticas e culturas tentaram -e ainda tentam- nos podar até mesmo uma existência psíquica genuinamente humana.

Mas nós sobrevivemos. E não apenas sobrevivemos 388 anos de escravidão oficial, mas também fizemos grandes avanços desde então. E boa

parte de nossas criações, conquistas, feitos, histórias não são ainda documentadas. Há não somente um grande universo de patrimônios culturais, histórias e criações a serem documentadas, mas também a serem criadas. É justamente o amar – considerar o outro enquanto legítimo outro em coexistência com alguém – que torna possível o aquilombamento, desde 1535, quando chegou o primeiro navio com escravizados... considerar o outro enquanto legítimo outro, frente a condições precárias e sequer a mesma linguagem inicialmente. Hoje temos a própria atividade de pesquisa enquanto ferramenta com potência de aquilombamento. O que implica não somente um mero discurso. É outro modo de dialogar com os sujeitos pesquisados, outro modo de construir os dados, outros modos de devolver os dados... de conceber inclusive o processo de pesquisa enquanto aventura que compõe novos sujeitos de ambas os lados da pesquisa... que leve em conta os saberes locais. Pesquisa que faça diferença nas territorialidades com as quais ela compõe.

Aquilombem. Pesquisem. Escrevam - e não apenas para acadêmicos!

NOGUEIRA-FILHO, Irapoan. El trabajo en la panadería y la salud mental: informe de una experiencia de intervención esquizoanalítica en una situación laboral. In: TRIMBOLI, Alberto. et al. (Org.). *Los limites de la clínica*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: AASM, 2016. p. 71-73.

NOGUEIRA-FILHO, Irapoan; GOULART, João Pedro; SANZ, Jose Guido. Relações saúde e trabalho rural, em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro: uma análise a partir do ponto de vista da atividade. Relatório de Pesquisa. Paty do Alferes, 2017.

NOGUEIRA-FILHO, Irapoan. Cartografias periféricas: aprendizagem de desenvolvimento de software em favelas cariocas. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 173-178, 2019.

NOGUEIRA FILHO, Irapoan. *Inventividade, Cozinha e Saúde: Um Ensaio Sobre Interferências Recíprocas Entre Cognição e Afetividade*. Editora Appris, 2019.

PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & sociedade*, v. 17, p. 18-25, 2005.

PASSOS, Eduardo. Cognição e produção de subjetividade: o modelo máquina e os novos maquinismos nos estudos da cognição. *Revista do Departamento de Psicologia*, p. 67-76, 1999.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 23, p. 64-73, 2003.

SABOIA, João. *Desalentados no Brasil—Caracterização e Evolução no Período 2014/2019*. 2019. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Raquel et al. Reflexões sobre a coleta do quesito raça/cor na Atenção Básica (SUS) no Sul do Brasil. *Saúde e Sociedade*, v. 30, p. e200414, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOFF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. *Jornal de psicanálise*, v. 44, n. 80, p. 65-77, 2011.